



nº 14 - julho de 2015

Cosson, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014. 192p.

Júlio Valle*

O livro mais recente de Rildo Cosson, pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da UFMG com vasta experiência no ensino público superior, pode ser concebido, até certo ponto, como parte de um bloco único de reflexões. De fato, tanto *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, de 2014, como *Letramento Literário: teoria e prática*, de 2011, investigam como se pode estruturar, especialmente em território escolar, esse processo específico de letramento – descrito de modo sintético, pelo autor, como a “construção literária de sentidos”. Para alcançar esse objetivo, tomam-se como vetores privilegiados (embora não exclusivos) os círculos de leitura, num caso, e as sequências didáticas, em outro. Une-os, também, o modo de exposição do assunto, evoluindo estruturalmente de uma reflexão preliminar de ordem teórica, a partir da qual se desenvolvem, então, as considerações de ordem metodológica mais estritas.

Nesse âmbito, *Círculos de Leitura e Letramento Literário* divide-se, a propósito, em proporções bastante equilibradas. Seguem-se ao prefácio quatro capítulos de orientação teórica (A literatura em todo lugar, A leitura e seus elementos, A leitura e seus objetos e Os Modos de Ler da Leitura Literária), os quais serão sucedidos por outros três dedicados às reflexões metodológicas (As práticas da leitura literária, Círculos de Leitura: Um quanto de teoria e um tanto de práticas e Para montar o seu círculo de leitura). Encerra o volume uma Conclusão, seguida de extensa e variada bibliografia e de uma apresentação do autor. No fecho de cada capítulo, o autor dispõe

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Guarulhos, SP, Brasil. juliovalleunifesp@gmail.com

uma fábula dedicada a metaforizar, em termos ficcionais, o teor predominante daquela seção.

Entendido assim, em dois blocos distintos, o livro de Cosson opera inicialmente com alguns conceitos que se mostrarão funcionais, em seguida, para o bom encaminhamento das práticas em discussão – os círculos de leitura, naturalmente, à frente delas. É desse modo que o capítulo inicial, a partir de uma distinção proposta, em termos mais genéricos, por Even-Zohar, propugna por uma concepção de literatura como “instrumento” (a saber, com foco nas “muitas maneiras de ler e se apropriar do literário”), e não como “bem” (calcado no “conjunto das obras ou as suas funções sociais”). Uma vez adotado esse caminho, “o mais relevante” passa a ser “o uso que se faz desse conjunto” (COSSON, 2014, p. 24). Com isso, o autor abre as portas para realçar, oportunamente, um desses usos, o dos círculos de leitura concebidos como veículos para o letramento literário.

Nesse sentido, também são funcionais os conceitos-chave com os quais Rildo opera nos capítulos seguintes. É pela identificação dos quatro elementos da leitura (autor, texto, leitor, contexto) e de seus três objetos (texto, contexto, intertexto), sempre privilegiando a sua dimensão literária e com o aporte de bibliografia pertinente, que se pode enfim vislumbrar “os modos de ler da leitura literária” (COSSON, 2014, p. 69). Elencam-se 12 modos essenciais, derivados da combinação entre um elemento e um objeto, a partir da qual é possível desenvolver, por exemplo, uma leitura do “texto-contexto”, como a que o autor propõe do conto de Guimarães Rosa, “João Porém, o criador de perus”, publicado em *Tutameia*. Para Cosson, “muitos problemas que enfrentamos no ensino de literatura advêm da dificuldade de identificar, compreender e, na medida do necessário, separar esses modos de ler” (COSSON, 2014, p. 92), o que justifica o esforço empreendido para dar a ver as suas respectivas peculiaridades. São elas, também, que se oferecem como recurso possível para orientar, de modo não restritivo, as discussões desenvolvidas no âmbito dos círculos de leitura.

Ocupando-se de semelhantes discussões conceituais, o livro não se mostra, nesse âmbito, restritivo ou tradicionalista. É o que se verifica na abrangência de alguns dos conceitos em questão. “Leitura”, por exemplo, “é uma competência humana” que “se estende por vários campos para além da escrita” (COSSON, 2014, p. 162). Já “texto”, conforme propõe Smagorinsky, diz respeito a “todas as maneiras de se configurar signos” (COSSON, 2014, p. 52). Operando, pois, com uma tal definição, os círculos de

leitura não se ocupam, necessária e exclusivamente, de “livros”, mas de “obras”. A opção terminológica condiz, ainda, com a concepção alargada de “literatura”, cujo foco nos usos, como vimos, permite enxergá-la “em todo lugar” (isto é, no cinema, nos quadrinhos, na canção popular, nos dizeres da camiseta do adolescente gótico, no perfil da rede social). Numa autocrítica, entretanto, o autor penitencia-se por um certo descompasso, efetivamente visível, entre a abertura de tais concepções e os exemplos de aplicação propostos em *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, bastante atrelados ao objeto livro. Cosson a filia a uma “falha de formação”, derivada de sua maior familiaridade com comunidades de leitores formadas ao redor do texto impresso.

Admirável do ponto de vista intelectual, a autocrítica assim formulada – isto é, em termos autobiográficos ou, quando muito, geracionais – deixa entrever, porém, uma questão mais ampla e dramática, relacionada ao próprio objeto de trabalho dos Estudos Literários: o que, afinal, caracteriza o objeto de estudo da área? Convém alargar as suas balizas, de modo a aproximar-se do que, na academia norte-americana, conforma o amplo espectro de estudos da “Teoria”? Como encaminhar semelhante reconfiguração mantendo, por outro lado, a especificidade da área em relação a outras, como a de Comunicação, por exemplo? No âmbito do ensino, desde pelo menos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados há quase duas décadas, vigora a ideia de “texto” em suas dimensões verbal e não verbal, o que se traduz, literariamente, numa abertura para os mais diversos produtos culturais. O que, confrontando-se ao quadro geral delineado há pouco, leva a outra questão: como as faculdades de Letras estão preparando os professores que, em sala de aula, precisarão lidar com o romance, a canção popular ou os quadrinhos, de preferência sem descaracterizar as suas respectivas propriedades estruturais e expressivas? A cadeia de indagações parece demonstrar que o descompasso identificado pelo autor em sua própria obra corresponde, por certo, a uma inquietação mais generalizada.

O segundo bloco do livro, dedicado a compendiar, discutir e estruturar diferentes práticas atuantes no letramento literário, abre-se com um capítulo no qual várias delas – como a leitura silenciosa, a leitura em voz alta, o diário de leitura, a discussão em sala de aula e o seminário socrático, entre outras – recebem pertinentes comentários, sempre inspirados por uma sólida e ampla bagagem bibliográfica, frequentemente estrangeira. Algumas dessas práticas, como a leitura em voz alta e os diários, podem se acomodar perfeitamente à estrutura dos círculos de leitura, que serão discutidos amiúde nos dois capítulos seguintes. No primeiro deles, o autor procede a uma apresentação geral da

modalidade, concebida dentro e fora da escola. É assim que têm lugar, aqui, tanto o sucesso dos clubes do livro da apresentadora norte-americana Oprah Winfrey como as inflexões propriamente escolares dessa forma de interação literária.

Nesse âmbito, que parece interessar especialmente ao autor, tomam-se como ponto de partida as proposições de Harvey Daniels acerca do que chama “círculos de literatura”, ou seja, “uma atividade de leitura independente em que grupos de alunos se reúnem para discutir a leitura de uma obra” (COSSON, 2014, p. 140). A essa definição geral, segue-se um elenco de onze características essenciais da prática, dentre as quais merecem relevo o papel ativo do aluno na seleção da obra, a função do professor enquanto um “facilitador” do processo e a preocupação em se preservar, na medida do possível, a autenticidade das discussões. Os círculos, como se lê no capítulo seguinte – dedicado aos cuidados necessários para a sua implementação – obedecem a diferentes níveis de flexibilidade. Apresentam-se em ordem crescente, nesse quesito, os círculos “estruturados”, “semiestruturados” e “abertos ou não estruturados”. Justamente por obedecerem a uma dinâmica mais rígida, os primeiros parecem mais indicados para o ambiente escolar (embora todos eles, como observa o autor, apresentem pontos fortes e fracos, a serem avaliados de acordo com os objetivos definidos para cada grupo de leitores).

Apesar de bastante detalhadas, inclusive valendo-se, por vezes, da fórmula didática do passo-a-passo, não se pode dizer que as explanações metodológicas aqui reunidas engessem ou, pior, substituam a necessária modulação do professor. O próprio autor, na Conclusão, adverte que tais práticas não devem ser tomadas, “em absoluto, como uma prescrição” (COSSON, 2014, p. 178). De fato, a obra evita sobrevalorizar as possibilidades reais do método em várias oportunidades. Sobre a relevância dos diários de leitura, por exemplo, observa-se que, “por ser uma atividade que requer um dispêndio considerável de tempo, não deve ser aplicada a todas as leituras, mas apenas àquelas que se julgue fundamentais para o desenvolvimento da competência literária do aluno” (COSSON, 2014, p. 124). Ao mesmo tempo, à objeção de que os círculos de leitura não ensejam reflexões propriamente literárias relevantes, Cosson reconhece que, “se o objetivo é desenvolver a competência literária dos alunos, os círculos de literatura podem não ser a metodologia mais eficiente” (COSSON, 2014, p. 146). Assim, o leitor tem em mãos uma obra que não descarta, por um lado, das regras inerentes a todo e qualquer método sem, por outro, transformá-las em “panaceia” (a expressão é do

próprio Rildo) independente dos objetivos em pauta e de uma sólida bagagem teórica. Não por outra razão, o livro faz a teoria anteceder e mesclar-se à prática.

Entretanto, é justamente na minúcia com que se apresentam certos procedimentos metodológicos que o livro encontra uma de suas mais importantes contribuições. Isso porque alguns recursos didáticos tradicionalíssimos, como a discussão em sala de aula, já parecem um pouco naturalizados na prática docente, donde o obscurecimento, na rotina escolar, de sua dimensão propriamente técnica. Com isso, deixa-se de atentar, por um lado, para alguns detalhes essenciais na aplicação desses recursos convencionais, bem como, por outro, para o que pode haver de novo no âmbito da tradição. É assim que, para ficarmos num único exemplo, o “seminário socrático”, definido como “a tradução da maiêutica socrática em uma prática pedagógica” (COSSON, 2014, p. 126), pode representar uma alternativa de renovação nos debates travados em sala de aula.

A relevância de *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, contudo, não se limita a isso. Importa ressaltar, também, a interlocução ampla estabelecida pelo texto, cujo interesse estende-se a pesquisadores, educadores e entusiastas de clubes do livro e afins: nesse processo, o didatismo das exposições (nas quais os exemplos cumprem papel estratégico) e a clareza textual são aliados essenciais do autor e, naturalmente, do leitor. Além disso, a bibliografia atualizada, muito variada e pertinente, pode inspirar futuras pesquisas universitárias. No conjunto, portanto, o livro representa um sensível enriquecimento para o debate acerca do letramento literário, especialmente no tocante às potencialidades oferecidas pelos círculos de leitura nesse âmbito. Ganham, com isso, a academia, os cultores da modalidade e, especialmente, as salas de aula, espaços nos quais a literatura, cada vez mais, encontra-se frente à urgência da reinvenção.

Data de submissão: 11/04/2015

Data de aprovação: 29/04/2015